

AS GRANDES UNIDADES BÁSICAS

Gen OBINO LACERDA ALVARES

1. INTRODUÇÃO

A estratégia terrestre é uma arte bastante diferente da maioria das artes, porque entre outras coisas, pressupõe a competição, resulta da atuação simultânea e competitiva dos comandantes das forças que se confrontam.

Como competição, ela assume as características de um jogo, com todos os seus elementos básicos: o tabuleiro, os jogadores, as pedras de jogo e a meta final constituída pela vitória. Não é de estranhar que a arte estratégica seja também conhecida por "jogo estratégico".

De certo modo a conduta desse "jogo" se assemelha a uma partida de xadrez. Nele se encontram os "peões", os "cavalos", os "bispos" etc., sob as mais variadas formas de organizações de combate e de apoio. Como o xadrez, a batalha se inicia com uma preparação em que os estrategistas movimentam suas pedras visando a segurança e sondando as intenções; prossegue por intermédio de um engajamento decisivo quando se movimentam as peças fundamentais, e se ultima com o aproveitamento do sucesso obtido na ação principal.

Algumas daquelas organizações desempenham papel de maior relevo do que outras porque se destinam a cerrar sobre o inimigo e engajar-se com ele, até chegar à parte culminante do drama, o combate corpo-a-corpo. As outras organizações lhes dão apoio, apoio ao combate ou apoio administrativo.

A infantaria, a cavalaria e os blindados são denominados "armas básicas" por desempenharem aquelas missões de engajamento cerrado com o inimigo. A artilharia, a engenharia e as comunicações — não sem correr os riscos correspondentes — são as armas de apoio ao combate das armas básicas. As unidades dos serviços fornecem o apoio administrativo, de alcance inestimável na obtenção do sucesso, porque são elas que garantem a sobrevivência do soldado e fornecem os milhares de itens dos materiais que alimentam a batalha.

É da combinação judiciosa das unidades das armas e dos serviços, de acordo com cada uma das necessidades operacionais, que nascem as grandes unidades, as peças principais do jogo estratégico. Sua organização se inspira fundamentalmente nas missões que se lhes atribuem em cada uma das fases da batalha terrestre: na sua preparação, na realização do ato de força e no aproveitamento do sucesso.

Para bem compreendermos a sabedoria e a experiência implícitas nas grandes unidades de um exército moderno, analisemos as trajetórias da brigada e da divisão nos últimos séculos.

2. RETROSPECTO HISTÓRICO

O presente item se inspira quase totalmente na obra do Ten Cel Fernand SCHNEIDER, denominada "Histoire des Doctrines Militaires". Essa "história" está condensada num pequeno volume editado em 1957, por "Presses Universitaires de France" e abarca dez grandes períodos doutrinários, da falange grega aos nossos dias.

a. A civilização greco-romana produziu duas organizações militares de importância: a falange e a legião. A falange grega é uma notável imagem da nação em armas que se apresta para enfrentar o invasor. A legião romana é o principal instrumento político de Roma antiga e o símbolo de seu dinâmico imperialismo. Ambas atacavam emassadas e atuavam pelo choque.

Do ponto de vista doutrinário, o longo milênio rotulado como Idade Média marca um período de estagnação e mesmo retrocesso da arte militar. As forças armadas refletiam o espírito do feudalismo e a ação se concentrou em torno do cavaleiro medieval. Durante muitos séculos a batalha foi essencialmente constituída por um conjunto de combates singulares simultâneos. Somente após a guerra dos Cem Anos, sobre a ruína do mundo feudal, é que a guerra voltará a ser coletiva. No fim do Século XV a infantaria emergiu como principal instrumento de luta, substituindo um tipo de cavalaria cujos dias de fulgor haviam passado.

No Século XVI o Renascimento provocou um novo desabrochar da arte da guerra. Carlos VII institui na França o sistema do exército permanente, compreendendo cavalaria, companhia de ordenanças e os arqueiros-francos. Nessa mesma época apareceram as primeiras armas de fogo. Os combates da falange e da legião redescobertos pelos estudos militares de então, inspiraram os processos táticos, dando lugar ao caráter linear e geométrico das teorias e das instituições militares, até a Revolução Francesa. A batalha se desenvolvia em duas fases: os tiros à curta distância e o combate corpo-a-corpo.

b. A arte militar do século XVII gravita entre dois pólos: Gustavo Adolfo na sua primeira metade e a escola francesa a partir de 1650.

Adaptando e aproveitando melhor os efeitos do fogo dos canhões e mosquetes, Gustavo Adolfo adestrou um exército muito bem organizado, com doutrina própria. O armamento mais leve e eficaz permitiu aligeirar a infantaria. A cavalaria foi despida da sua implementa pesada e recebeu mosquetes e espadas. Criaram-se os canhões dos batalhões de infantaria. Sobre essa base Gustavo Adolfo, por primeira vez, organizou e empregou o escalão BRIGADA, constituída por dois regimentos de infantaria com 8 a 12 companhias cada um. Além dos canhões dos batalhões

conservou-se uma artilharia independente sob o nome de artilharia de reserva. A ordem de batalha se ampliou, as frentes aumentaram para aproveitar melhor o tiro dos mosquetes e a formação do corpo de batalha compreendeu: artilharia à frente e logo a seguir a linha de batalha que contava com a infantaria ao centro e a cavalaria nas alas.

O exército francês inspirou-se no exemplo de Gustavo Adolfo e foi organizado segundo o modelo sueco. A infantaria é a arma principal, agrupada taticamente em batalhões de 800 homens e administrativamente em companhias. Adotou-se o escalão *brigada* constituído de 4 a 6 batalhões. No fim do século criou-se o estado-maior para facilitar a ação do comando. Melhorou-se a aptidão para o movimento e preparou-se a passagem de um exército da formação de marcha para a de combate. Ainda assim essas operações são demoradas pois que um conjunto de 80.000 homens (cerca de 20 brigadas) consome dois dias para desdobrar-se numa frente de pouco mais de oito quilômetros. O desenvolvimento da batalha pouca diferença apresentou em relação ao começo do século. Sob a proteção de "vanguardas", constituídas por brigadas de dragões e companhias de granadeiros, executava-se a marcha em batalha durante a qual a artilharia, à frente, realizava seus fogos enquanto não era alcançada pela linha de ataque. Essa linha atirava em marcha, a curtas distâncias, até chegar ao corpo-a-corpo, quando a batalha degenerava numa série de combates particulares. A infantaria ainda não havia alcançado o "status" de rainha das armas, apesar do incremento do seu poder de fogo; nem se aproveitava a vantagem da organização em brigadas para desenvolver a manobra.

c. No Século XVIII desabrocha uma doutrina militar de extremo vigor, com repercussões que perduram até hoje. A evolução foi possibilitada pela acentuada melhoria das armas de fogo, particularmente dos canhões, tornada possível pelo progresso técnico dessa época. Apesar desse progresso persistiram, no início do período, as práticas de centúria anterior: formações compactas e evoluções lentas.

Devido a Frederico, no início, e a uma pujante escola doutrinária francesa na segunda metade do século, introduziram-se transformações revolucionárias nos domínios da organização, da tática e da estratégia. A DIVISÃO foi o fato decisivo.

Com o aumento dos efetivos dos exércitos e com a crescente flexibilidade de emprego das grandes formações, a brigada demonstrou suas vulnerabilidades. Em 1733, durante a guerra da sucessão da Polónia, realizaram-se os primeiros ensaios do conceito divisionário, sob a forma de "grupamentos táticos". Dez anos mais tarde esses grupamentos se transformaram em organização regular, adaptados sob o nome de divisão, pelo Marechal Broglie e por Maurice de Saxe. Em 1776 Choiseul, como secretário de guerra, atribuiu-lhe seu primeiro regulamento.

O Século XVIII, muitas vezes esquecido pelos historiadores militares, aparece, em suma, como uma época rica em doutrina, fecunda em formas e orientada inteiramente para o combate dos tempos modernos.

A divisão é o seu produto marcante. Os generais do período tiveram o mérito de concebê-la e passá-la à Revolução que nada mais fez que aperfeiçoá-la.

Mesmo antes do advento de Napoleão percebeu-se todas as vantagens do emprego dessa grande unidade. Na Batalha de Wattignies, após uma situação inicial confusa, a vitória — por primeira vez — consagra uma manobra moderna: ataque de duas divisões sobre Wattignies, cobertas por duas divisões à direita e uma divisão à esquerda. Vemos nesse combate: a fixação do inimigo, a ação concêntrica de três colunas, o reforço da ala direita por nove batalhões e dois regimentos de cavalaria levados antecipadamente para o centro e esquerda, ao todo 6.000 homens ameaçando a retaguarda do inimigo.

A epopéia napoleônica nada mais foi que o aproveitamento genial de uma doutrina criada pelos antigos, onde sobressai Guibert:

- marchas por colunas separadas para a manutenção dos exércitos;
- concentração para o combate;
- engajamento escalonado no tempo: ação das tropas leves, ação das tropas de linha e a intervenção das reservas, sucessivamente;
- combate em retirada;
- extensão continuada das frentes em virtude do incremento do poder de fogo;
- dispersão dos combatentes no terreno;
- importância dos fogos de artilharia;
- o conceito operacional da DIVISÃO.

Para impor a batalha ao inimigo Napoleão explora a fundo o princípio divisionário, que lhe permite estender seu dispositivo e levá-lo sobre a retaguarda do adversário onde se estabelece a ligação com sua capital ou com suas linhas de comunicação e obrigando a uma batalha de frentes invertidas.

O que caracteriza a manobra napoleônica é, ao mesmo tempo, a habilidade na combinação dos movimentos, a aptidão para amortecer os choques do adversário sem sacrifícios — princípio da concentração — e sua presteza em perceber o momento decisivo e lançar-se no aproveitamento do sucesso.

Para executar essas manobras era necessário que a arte de organizar as forças terrestres tivesse concebido uma GU que contasse ao mesmo tempo: com tropas leves, capazes de proteger e informar; com contingentes da arma principal para a ação em força e seu reforço continuado; com as armas de apoio em proporções adequadas e com as tropas de serviço capazes de permitir a ação duradoura.

d. O Século XIX marca o predomínio da escola germânica que se caracteriza, notadamente, pela preocupação de teorizar a guerra, por analisá-la do ponto de vista científico visando precisar suas leis, por encontrar-lhe uma filosofia.

É possível acompanhar a evolução doutrinária por intermédio de seus pensadores militares mais brilhantes.

SCHARNHORST foi o primeiro a compreender a importância do fogo e sua significação primordial na execução da batalha. Ele afirmava que cada arma tem suas próprias possibilidades e que a arte reside em encontrar seu emprego mais adequado.

CLAUSEWITZ, o primeiro autor de uma enciclopédia sobre a guerra, ao discutir suas formas, teve a lúcida visão da manobra em retirada (a defesa elástica dos nossos dias) como forma ativa da defesa. Ele estudou, também, o aproveitamento das ferrovias para realizar as atividades logísticas.

MOLTKE analisou o problema da concentração dos grandes efetivos no campo de batalha. Devido à quantidade das forças envolvidas, ele preconizou a marcha por colunas de divisão, cada uma delas protegida e esclarecida por uma vanguarda. A ordem de marcha dentro da coluna é determinada pela urgência da intervenção. A cavalaria cumpre duas missões importantes: à testa do dispositivo, quando na marcha para o inimigo, e à sua retaguarda, durante os movimentos retrógrados. Em seguida deveria vir a infantaria de primeiro escalão, a artilharia e finalmente o grosso da infantaria. Na manobra em retirada adotava-se uma ordem de marcha invertida. A Divisão tornava-se conseqüentemente, a GU básica da manobra estratégica e o âmbito corrente da combinação de armas.

e. O Século XX, por força de um progresso tecnológico avassalador, testemunhará, em dois conflitos de âmbito mundial, um aumento exponencial do poder de fogo e da capacidade de movimentar grandes massas. Daí a reunião de exércitos constituídos por vários milhões de homens, organizados em Gr Ex ou Frentes, em Ex Cmp, C Ex e divisões ocupando espaços contínuos de centenas ou milhares de quilômetros de frente.

Esse progresso trouxe profundas repercussões para a organização divisionária, principalmente no que se relaciona com o chamado armamento coletivo e com sua capacidade de movimentar-se.

Do fuzil de pederneira às modernas armas automáticas e semi-automáticas, dos obuseiros primitivos aos petardos atômicos adaptados ao campo tático, a tecnologia moderna deu passos de gigante e multiplicou por fatores muito elevados, a velocidade de tiro, a potência do projétil e a capacidade conseqüente de destruição.

Do mesmo modo a técnica revolucionou a capacidade de movimentar. Dispondo em forma linear os modos de movimentar formações de combate, vemos sucessivamente: o homem a pé, o homem a cavalo, o transporte da tropa por ferrovia, o transporte motorizado em rodovia, o mesmo transporte protegido em qualquer terreno, o transporte QT protegido e armado; o transporte aéreo, esse transporte vinculado ao pára-quedismo e, finalmente, o flexível transporte por helicópteros.

No início havia dois tipos de divisão: a divisão de infantaria e a divisão de cavalaria, movimentadas respectivamente, pela marcha a pé e pela marcha hipomóvel. A DI era, como ainda é, uma GU onde existe a predominância dos batalhões de infantaria (9 BI), devido às suas características de grande unidade de batalha, isto é, GU fundamental para a batalha terrestre e cuja arma básica é a infantaria; completando a DI se integravam unidades de reconhecimento, de apoio de fogo, de apoio ao movimento, de apoio ao comando e de apoio de serviços. A DC era (e ainda é no EB) uma GU especialmente organizada para preparar a batalha, para cooperar com a ação principal e realizar o aproveitamento do êxito. Da mesma maneira que na DI, mas com menos intensidade, se realiza na DC a combinação de armas. Sua organização e emprego resultaram da necessidade de segurança para as grandes massas a pé, fruto de duas características da arma de cavalaria: sua aptidão para as operações móveis e flexíveis e sua velocidade, cerca do dobro da velocidade das tropas a pé.

O advento do transporte ferroviário não influenciou, basicamente, no emprego das divisões. Sua influência manifestou-se na estratégia operacional, pela facilidade com que se podia realizar a concentração cu a roçada dos meios.

O aparecimento do transporte automóvel já influenciou sobremaneira. Em primeiro lugar porque — fora de combate propriamente dito — multiplicou a velocidade do movimento da DI pelo fator 6, passando de 4km/h para cerca de 25km e aumentando seu raio de ação, de 25 a 30km por dia, para mais de 100km em uma mesma jornada. A seguir, porque exigiu que se organizasse uma GU de novo tipo para marchar à sua frente, esclarecer o grosso dos exércitos e protegê-los, além de cooperar na ação principal e tomar parte no acabamento da batalha. Essa GU, do mesmo modo que a DC, deveria ser potente, flexível e mais rápida que a DI. Utilizando a fórmula do carro de combate se organizou uma divisão veloz, apta para atuar em qualquer terreno e poderosamente armada, com armas automáticas e canhões: as divisões blindadas, que substituíram as ultrapassadas divisões hipomóveis.

Com a experiência obtida na II Guerra Mundial um novo conceito de blindados se criou: a reunião de numerosos carros de combate em verdadeiros corpos blindados, a várias DB, como grandes conjuntos estratégicos independentes. A experiência indicou como necessário fazer acompanhar os CEx Bld por DI transportadas por estradas e, por fim, por DI dotadas de transporte motor protegido e apto para todos os terrenos, dando lugar sucessivamente às DI motorizadas e DI mecanizadas.

O emprego do transporte aéreo, por sua vez, deu nascimento a dois outros tipos de grandes unidades. No início as DI que, valendo-se desse tipo de transporte, se deslocavam para a área do objeto e sobre essa área aterravam ou se lançavam de pára-quedas, e que tomaram os nomes de "airborn" nos EUA, "parachutistes" na França e "aeroterrestres" no Brasil. Finalmente as GU de Inf que valendo-se de um transporte aéreo orgânico flexível como é o helicóptero deram às Forças Terrestres uma capa-

cidade de envolvimento que vence, praticamente, toda a classe de obstáculos superficiais opostos à manobra terrestre, desde as frentes contínuas até as regiões montanhosas, passando pelos obstáculos médios constituídos pelos grandes rios e campos fortificados.

Todos esses tipos de divisão, salvo a DB, têm como elemento predominante, como arma básica, a Infantaria, em número de unidades tal que permita cerrar sobre o inimigo, retomar o movimento a pé e engajar-se na luta para destruí-lo. Como grandes unidades, elas integram formações de outras armas e serviços capazes de prestar-lhes o apoio ao combate e o apoio administrativo. São, portanto, uma constelação de Divisões: DI, DI Mot, DI Mec, DI Aet e DI Aeromóvel além das DB que herdaram as missões das DC.

3. GRANDES UNIDADES CONTEMPORÂNEAS

a. Todas as divisões, salvo as DB e as DC, têm como tarefa principal cerrar sobre o inimigo, realizar o combate a pé, destruir as formações do adversário, apossar-se do terreno, ocupá-lo e mantê-lo. As DB e DC têm como tarefa principal marchar à frente dos corpos de batalha, esclarecer o comando, proteger a força principal, tomar parte nas ações de força e penetrar profundamente no território inimigo em aproveitamento do êxito dos combates.

Em que pese a semelhança das missões a cumprir, as DI têm contudo algumas diferenças fundamentais entre si, no que respeita aos processos de emprego. Se as DI, DI Moto e DI Mec são organizadas de modo semelhante e estão aptas a cumprirem os mesmos tipos de missão, somos levados a anotar que a DI Mec, organizada para acompanhar as grandes formações blindadas do tipo CEx ou Ex Blđ, tem equipamento de transporte diferente, se adestra para o combate extremamente móvel, fluido e flexível e exige, portanto, mentalidade e processos de treinamento e emprego distinto das DI e DI Moto. Se as DI Aet e DI AeM têm em comum o processo de transporte, elas guardam diferenças entre si e para com os outros tipos de DI. Entre as duas primeiras e essas últimas, as diferenças se situam no tipo de armamento e do equipamento, consentâneos com as limitações dos meios de transportes — os aviões e os helicópteros — bem como na mentalidade e no tipo de treinamento e emprego. Entre a DI Aet e a DI AeM, as diferenças ainda persistem quer quanto à técnica do transporte e de aterragem (ou lançamento), quer quanto ao material utilizado em combate, dando nascimento a diferentes processos de treinamento e de emprego.

b. O escalão brigada teve sua época áurea durante cem anos, entre os Séculos XVII e XVIII, de Gustavo Adolfo a Frederico, aproximadamente. Após a criação e o aperfeiçoamento da divisão, a brigada como GU operacional básica entrou em declínio, permanecendo em alguns exércitos apenas como parte do conjunto divisionário. Em outros exércitos, principalmente no presente século, as partes componentes da divisão,

que enquadravam ou enquadram os batalhões de infantaria, são os regimentos de infantaria, unidade da arma normalmente de composição ternária. A combinação de armas, sobretudo a composição do binário infantaria-artilharia, era realizada pelo comandante da divisão, quando designava o grupo de apoio direto ao RI, com relações recíprocas bem definidas na doutrina.

A II Guerra Mundial, inicialmente, e os estudos sobre a organização das GU no pós-guerra, têm provocado a revisão dos princípios de organização e reavaliado o papel a desempenhar pelas brigadas. Verificou-se que a adjudicação de um grupo de artilharia ao RI, em missão de apoio, não era o processo mais adequado nas operações móveis, quando o comandante da arma principal atuava longe da ação de apoio do comando divisionário. O exército dos EUA ensaiou dois tipos de associação: o "combat-team", de composição mais ou menos constante, e o "combat-command", organizado de acordo com a missão. O primeiro para a associação regimento-grupo e o segundo na organização para combate dos elementos da DB. Revivia-se, de certo modo, aquela primeira experiência de 1733 quando se ensaiou, por primeira vez, a composição e o emprego da divisão. No Exército Brasileiro ambas formas de compor tomaram o nome de "grupamento tático".

Os estudos de pós-guerra, considerando duas novas formas de lutar — a guerrilha das pequenas unidades, já conhecida, e a atuação no campo de combate atômico, ainda não experimentada — por motivos distintos "desembocaram" no escalão brigada. Não há, até agora, conclusão definitiva sobre a conveniência de constituir o escalão brigada, sistematicamente, como a GU operacional básica para as Forças Terrestres.

A questão que permanece em aberto, aguardando respostas mais claras e precisas, é a seguinte: deverá a brigada substituir a divisão como GU básica de emprego, ou convirá a existência dos dois tipos: divisão e brigada?

As publicações militares correntes e a documentação disponível não são conclusivas e permitem apurar que:

- 1) Há nações onde, junto às divisões que enquadram brigadas, coexistem brigadas independentes: Estados Unidos e Brasil;
- 2) Há nações onde todas as brigadas são enquadradas por divisões: França e Alemanha;
- 3) Há nações onde o escalão divisão foi eliminado, com a vinculação direta das brigadas aos CEx: Argentina;
- 4) Há nações onde existe apenas o escalão divisão: URSS.

4. CONCLUSÕES

Em nenhum exército é doutrina mansa e pacífica a conveniência da brigada como GU básica única, pois que dois séculos de experiência continuada só fizeram confirmar o "conceito divisionário". Na fase de evolução em que vivemos, devido à ação guerrilheira e à possível atuação no

combate nuclear tático, haverá necessidade de experimentar, durante um largo período e de forma intensa, os dois tipos de GU, antes de decidir-nos em definitivo.

Se atentarmos para as condições de um conflito no Continente Sul-Americano, vamos encontrar os elementos de orientação necessários à doutrina militar brasileira. Com efeito, vários são os condicionadores desse tipo de luta: pequenos efetivos, espaços muito amplos, mobilidade tática reduzida, objetivos limitados e operações convencionais, combinadas ou não com guerrilhas.

Os efetivos reduzidos imporão a luta em torno dos grandes eixos de circulação rodo-ferroviária, ensejando flancos livres, vigiados ou não. Em virtude dessa circunstância, os objetivos geográficos das operações serão definidos pelos nós rodo-ferroviários, geralmente povoações mais ou menos importantes. Daí advém duas conseqüências importantes: (1) a defesa dessas povoações como fontes de recursos ou como áreas de proteção das "linhas de comunicação", exigirá que se ocupe o terreno e que se garanta sua posse por meio de um plano de fogos defensivos de estilo convencional; (2) a posse desses acidentes capitais, quando implicar na expulsão do adversário, obrigará a montagem de uma ação em força, num ataque também de estilo convencional.

É de contar-se, portanto, com uma área de defesa em todos os azimutes, conduzida de forma dinâmica, organizada em profundidade. É possível que uma brigada de organização ternária ou mesmo maior, de três a cinco BI, possa estabelecer esse tipo de defesa num perímetro que não ultrapasse os dez quilômetros (BI 2 km) ou seja, uma área de mais ou menos 800 m de raio. Se a defesa impor perímetro maior, haverá necessidade de associar mais de uma brigada e centralizar a ação nas mãos do divisionário.

Do mesmo modo a abordagem e o ataque desses acidentes capitais vai exigir muito esforço do atacante. Desde a I Guerra Mundial se estabeleceu uma relação mínima de 3 a 1, entre o ataque e a defesa, para que o ataque tenha possibilidades de êxito. Essa "receita" foi confirmada pelas operações da II Guerra Mundial. Em uma direção bem adequada, com chance de "calar" todas as armas da defesa que possam intervir no compartimento principal, o ataque há de abarcar uma frente da ordem dos três a quatro quilômetros no mínimo, ou seja — ainda segundo a experiência das operações convencionais — vai exigir cerca de 7 a 8 BI em primeiro escalão. Se encararmos o estabelecimento de uma reserva e um grupamento para aproveitar o sucesso, teremos atingido os 12 BI com os apoios correspondentes o que totaliza cerca de três brigadas exigindo uma centralização da ação no nível divisão.

Vê-se pois, que tanto no ataque como na defesa, as ações mais importantes terão de ser centralizadas. Parece que a divisão de infantaria organizada a nove batalhões, com os demais elementos de apoio, e dispondo de três comandos orgânicos de brigada, constitui a organização mais flexível e adequada para atender às necessidades relacionadas com as operações convencionais.

As condições particulares da ordem de batalha de tempo de paz têm levado a crer na necessidade de comandos de brigada de organização permanente, para comandar unidades das armas aquarteladas numa mesma área geográfica. Facilitar-se-ia assim, a conduta do adestramento, a coordenação das medidas de segurança interna e a própria intervenção das forças do Exército nas guerrilhas que eclodissem na área. Essas circunstâncias parecem recomendar a concepção de brigada como se encara no Plano de Reorganização do Exército.

Entretanto, como tentamos demonstrar, a DI é a grande unidade tática básica para as operações convencionais, não suscetível de substituição pelo escalão brigada. Nesse caso a logística deve situar-se no nível divisivo por que essa é a GU que deve durar na ação, deve ser capaz de prolongar seu esforço no espaço e no tempo.

“São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos e assim, com a força de tratar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também a força de ler os livros se aprende a doutrina que lhes ensinam. Forma-se o espirito, nutre-se a alma com bons pensamentos e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada que se o compare e só o sabe avaliar quem chegar a ter a fortuna de o possuir.”

PADRE A. VIEIRA